

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Brasilém

Class.: 269

Data: Novembro de 1984

Pg.: _____



Paulo Sues

Marçal Tupã'i

Em outubro de 1982, Marçal Tupã'i enviou a seus irmãos de Misiones uma carta gravada, em guarani, através da antropóloga Ana Maria Gorosito, que trabalhava naquela província argentina. Um ano depois (25-11-83), Marçal foi assassinado. Até hoje, nenhum dos criminosos, diretos ou indiretos, foi preso. Reproduzimos aqui alguns trechos da carta onde ele fala sobre a luta do povo Guarani do lado brasileiro para reconquistar suas terras e incentiva os índios de Misiones a fazerem o mesmo. O líder Guarani morreu, mas suas palavras ecoarão sempre. Cada vez mais forte e mais longe. "Unam-se e façam-se fortes", disse Tupã'i (palavra e alma, para os Guarani). Os frutos de suas palavras e atos brotam em todas as partes, mostrando que sua luta não foi em vão.

O Brasil exige a punição dos assassinos de Marçal Tupã'i (e de Angelo Kretã, Angelo Pankarã, Simão Bororo...)

"É preciso que nos façamos fortes"

Vou falar-lhes, vou enviar-lhes minhas palavras. Eu sou também de vocês, sou também Guarani. É por isso que quero enviar-lhes minhas palavras, para que vocês as ouçam. Nós, os Guarani, vivemos no Brasil. Nós somos daqui mesmo. Agora vou contar-lhes. Nós aqui estamos cansados. Nós também vivemos mal por aqui. Os estrangeiros tiraram toda a nossa terra, diminuíram nossas terras. Já não podemos trabalhar direito. E por isso que nós nos levantamos agora, nos levantamos para sentir-nos fortes. Para pedir aos governos, ao governo dos estrangeiros a posse verdadeira de nossos lugares, da terra.

E vocês, de que forma vivem nesses lugares? Como o governo argentino trata vocês? Como os trata a lei dos poderosos estrangeiros? Entre nós, para o fortalecimento de todos, sem exceção, nosso dirigente espiritual pede o nosso fortalecimento. E vamos até o governo e lhe pedimos a terra, para que nos deem os títulos, títulos nos papéis correspondentes, para o nosso fortalecimento, para que tenhamos segurança, para que trabalhem todos convenientemente, sem desfalecimentos. Nós e nossos filhos, nossas crianças, nossas filhas, para que os criemos de forma adequada.

Já não podemos nós, os Guarani, calar-nos agora, diante dos estrangeiros. Já não podemos calar-nos. Eles nos tiraram nossas terras. Nos tiraram os lugares que deveríamos ocupar, nos desalojaram, nos deixaram sem nada. Então eu vou dizer-lhes, com minhas palavras, meus irmãos menores, meus irmãos maiores: por que vocês não fazem como nós fazemos? Reúnam-se com seus dirigentes espirituais, com seus pais, de tal forma que os que mandam em vocês — o governo argentino — lhes deem os papéis, títulos de suas terras.

E preciso que nós façamos fortes. E preciso que os jovens adquiram conhecimentos, para que se sintam fortes. Nós, os mais velhos, não viveremos muito tempo. Então a juventude nos substituirá.

Eu lhes envio minhas palavras, o que nos acontece por aqui, em nossos lugares, no Brasil. Como nos esforçamos diante do governo para que nos garanta nossa terra.

Nós aqui pertencemos a muitas e diferentes nações de diferentes povos. Aqui estão os nossos, os Guarani. Está a nação Terena, Xavante, Bakairi, Paresi, Tikuna, Kaxinawá, Sateré-Maué. Estes e nós, nos unimos como um só, para trabalhar frente ao governo, para que nos deem nossa terra, nosso lugar.

Não desfaleçam diante dos estrangeiros, que não podem dobrar-nos. E assim será indiscutível, teremos garantias. Necessitamos ter garantias, para que tenhamos assegurada nossa imperfeita vida terrena. Não podemos viver amedrontados. Não devem temer o medo. Se nos deixamos vencer pelo medo, eles

poderão nos derrotar. Eles não sentem medo de nós e tiram nossas terras, nossos lugares e nossas imperfeitas existências terrenas. Quero que prestem muita atenção, que ouçam e meditem minhas palavras. Façam vocês o que nós fazemos, unam-se e façam-se fortes.

Eu me alegro muito de ter notícias de vocês e eu quero ir aí. E peço mesmo a vocês que levantem a cabeça, por seus direitos. A terra nos pertence. Os povos estranhos que pisaram, que chegaram há quase cinco séculos atrás, tomaram todas as nossas terras. E por isso, nós, que somos os verdadeiros donos desta terra, temos de reclamar junto aos responsáveis de nossos destinos, de nossos filhos, mulheres e da garantia da nossa terra.

Em nome de todos os povos, vou deixar aqui minhas palavras, para que vocês as ouçam. Em nome de todos os povos indígenas do Brasil, saudações e muito amor.

Seu irmão Marçal de Souza, Tupã'i. Este é meu nome, meu verdadeiro nome: Tupã'i.



Arquivo

Aos Irmãos de Misiones, na Argentina, o incentivo para que retomem suas terras



Os criminosos não calaram a voz de Marçal

Um ano depois, nem processo foi aberto

A 25 de novembro do ano passado, o líder Guarani Marçal Tupã'i foi assassinado, com cinco tiros, no rancho onde vivia, na Aldeia Campestre, município de Antônio João, Mato Grosso do Sul. Até hoje o processo não foi aberto. A Justiça Federal se considerou incompetente para julgar o caso e devolveu o inquérito à comarca de Ponta Porã, MS. Até o final de outubro, o promotor público daquela cidade não havia oferecido denúncia sobre o caso. Ele alegava estar muito atarefado; e, já que o único suspeito — o jagunço Rômulo Gamarra — estava solto, não havia pressa, e ele preferia examinar tudo com cuidado. Não há prazo estipulado para aquela promotoria oferecer denúncia, e isso pode até não acontecer, se o promotor considerar que não há "elementos suficientes".

A trama que envolve o desvendamento do caso é bem intrincada. Na região, todos sabem quem está envolvido no crime. Rômulo Gamarra, vulgo "Paraguaião", foi o único suspeito a ser preso, em junho pp. Mas, graças à movimentação de fazendeiros locais, foi solto dois meses depois. Até hoje, não foi apurado quem fez ameaças a Mar-

çal, vinte dias antes do crime. Também não se investigou quem tentou suborná-lo com quantias vultosas, para que convencesse seus irmãos Guarani da Fazenda Piracua a abandonarem as terras onde vivem, desocupando-as para o latifundiário Astúrio Monteiro expandir suas fazendas.

Como justificar a inoperância da Justiça no caso Marçal? Dizer que a Polícia Federal na região não tinha combustível para abastecer o carro com que realiza as diligências é ridículo. Nada justifica tanto descaso. Só mesmo o envolvimento de pessoas influentes do estado do Mato Grosso do Sul, interessadas em "abafar" o caso. Ricardo Brandão, assessor jurídico do Conselho Indigenista Missionário na região, diz que "todo mundo está tranqüilo. E há todo um mecanismo de silêncio com a cumplicidade geral dos diversos setores da sociedade". A Justiça é inoperante e os assassinos continuam impunes. Muitos acreditam que taparam a boca de Marçal quando deram a ordem do crime aos jagunços. Mas, para os Guarani, Tupã'i não morreu. Suas palavras estão ecoando em cada luta que desponta.